



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo

EMPREENDEDORISMO NO SECTOR DA BELEZA: BRASILEIRAS NA QUINTA DO CONDE

CHAVES, Tiago Miguel Marques

Pós-graduação em Antropologia, especialidade em Globalização, Migrações e Multiculturalismo

ISCTE

tiagommchaves@sapo.pt

Resumo

O ponto de partida para este trabalho surgiu no decorrer de um trabalho anterior (2009) em que durante o trabalho no terreno, constatou-se a sobre-representação de um sector que doravante será designado por sector/ramo da beleza na Quinta do Conde, freguesia do concelho de Sesimbra que, para além da sua enorme visibilidade, encontra-se centrado no género feminino e num grupo bem concreto. Nessa perspectiva, pretende-se efectuar uma etnografia da globalização no feminino, mapeando os percursos migratórios de mulheres brasileiras residentes na freguesia da Quinta do Conde e que se tornaram empreendedoras no sector da beleza. Nessa linha, procurar-se-á descodificar se a sua opção por este ramo, se deveu a uma questão de oportunidade, necessidade ou disposições sociais¹ e se o mercado se encontra baseado nesse aspecto, numa lógica marcada pela nacionalidade no que respeita às contratações efectuadas. Serão salientadas questões económicas que lhes são inerentes: averiguar os prós e contras na tomada de decisão que se pensa ser neste processo decisiva e fulcral e que passa pela sua partida do Brasil e chegada a Portugal e pela opção de abertura de um salão de cabeleireiro e tudo o que isso acarreta (burocracia; dinheiro; energia; tempo; disponibilidade; conhecimentos). Outras questões abordadas prendem-se com o capital social, as cooperações/redes e relações de família e conterrâneos que se vão tecendo entre quem se estabelece em Portugal e aqueles que aguardam a sua vez de fazer o mesmo; condições relacionadas com o mercado de trabalho português, bem como a exposição ainda que em traços genéricos da vida dos imigrantes na Quinta do Conde.

Abstract

The main point to this work emerged from a study in the past (2009) in which during the fieldwork, we found the over-representation of a sector that will henceforth be referred to as sector/industry of beauty in Quinta do Conde, county town of Sesimbra that in addition to its high visibility, is centered on a specific female and group. From this perspective, we intend to do an ethnography of globalization on women, mapping the migratory paths of brazilian women living in Quinta do Conde that became entrepreneurs in the beauty sector. Efforts will be made to realize if their choice in this industry is connected to a matter of chance, need or social dispositions and if the market is based on this aspect by a nature of hiring based in the nationality aspect. Will be highlighted economic issues attached to them: to explore the pros and cons in the decision thought to be decisive and crucial in this process and what goes through their arrival and departure from Brazil to Portugal and the option of opening a hair salon and all that that entails (bureaucracy, money, energy, time, availability, knowledge). Other issues related to social capital, the cooperation/networks and relationships of family and countrymen that weave between who is established in Portugal and those awaiting their turn to do the same, conditions related to the labor market Portuguese, as well as exposure even in generic traits of life of immigrants in Quinta do Conde.

Palavras-chave: imigração; género; Quinta do Conde; “Beleza”; Empreendedorismo étnico; Brasil

Keywords: immigration, gender, Quinta do Conde, "Beauty"; ethnic entrepreneurship; Brazil.

[PAP0609]

Introdução

O ponto de partida para este trabalho surgiu no decorrer de um trabalho anterior (2009) para a Câmara Municipal de Sesimbra e para o ISCTE/CIES intitulado: “Estudo de Diagnóstico e Caracterização da População Imigrante, Identificação dos seus Problemas e dos seus Contributos para a Dinâmica de Desenvolvimento dos Municípios”, em que durante o trabalho no terreno, constatou-se a sobre-representação de um sector que doravante será designado por sector/ramo da beleza na Quinta do Conde, freguesia do concelho de Sesimbra que, para além da sua enorme visibilidade, encontra-se centrado no género feminino e num grupo bem concreto. Nessa perspectiva, pretende-se efectuar uma etnografia da globalização no feminino, mapeando os percursos migratórios de mulheres brasileiras residentes na freguesia da Quinta do Conde e que se tornaram empreendedoras no sector da beleza, ou seja, que abriram os seus próprios cabeleireiros, tornando-se empresárias e contribuindo para a economia portuguesa. Nessa linha, procurar-se-á descodificar se a sua opção por este ramo, se deveu a uma questão de oportunidade, necessidade, disposições sociais e se o mercado se encontra baseado nesse aspecto, numa lógica marcada pela nacionalidade no que respeita às contratações efectuadas. Serão salientadas questões económicas que lhes são inerentes: averiguar os prós e contras na tomada de decisão que se pensa ser neste processo decisiva e fulcral e que passa pela sua partida do Brasil e chegada a Portugal e pela opção de abertura de um salão de cabeleireiro e tudo o que isso acarreta (burocracia; dinheiro; energia; tempo; disponibilidade; conhecimentos). Outras questões abordadas prendem-se com o capital social, as cooperações/redes e relações de família e conterrâneos que se vão tecendo entre quem se estabelece em Portugal e aqueles que aguardam a sua vez de fazer o mesmo; condições relacionadas com o mercado de trabalho português, bem como a exposição ainda que em traços genéricos da vida dos imigrantes na Quinta do Conde, sem nunca esquecer duas premissas que desde sempre alavancaram o presente trabalho – o género feminino e a comunidade brasileira.

Justificação da escolha e pertinência do “objecto” em estudo

“Não há maior perda no mundo do que a perda da sua terra natal”

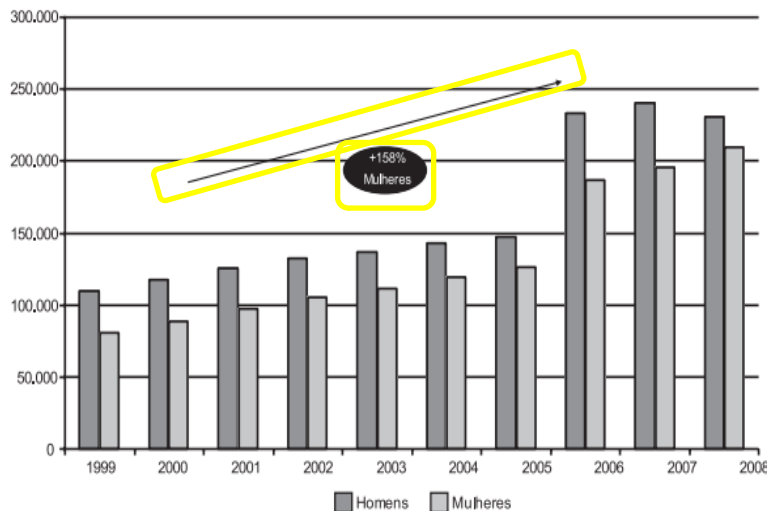
Eurípedes, 431 a.C.

Um dado inquestionável nos últimos anos é o aumento da migração feminina, dando origem ao aparecimento de alguns estudos académicos acerca da temática da feminização das migrações. Segundo Zlotnik (2003), esta já representava em 1960, cerca de 47% do total de migrantes internacionais, apesar de registarem um aumento residual de apenas 2% até 2000, chegando aos 49%. Os dados actuais, superam os valores registados pelos homens nos países desenvolvidos, apresentando um valor de 51% do total (UN, 2003). Na literatura internacional, as variáveis de género e suas questões afins, em particular o estudo de mulheres imigrantes, tornaram-se mais frequentes depois dos anos 70. O enfoque deixou de estar centrado no género masculino, para passar a estar focado na mulher enquanto sujeito migratório activo. Segundo Padilla, as mulheres, “migram de forma independente à procura de novas oportunidades de trabalho e não como familiares dependentes ou ao abrigo do reagrupamento familiar (2010:19)”. Segundo Pellegrino, a feminização dos fluxos migratórios, encontra-se relacionada com o aumento do tráfico e da exploração do seu corpo (2004:58). Noutras situações, poder-se-á falar num aumento da procura de mão-de-obra feminina para trabalhos específicos como são disso exemplo os trabalhos domésticos e os trabalhos que envolvem tomar conta de crianças e/ou idosos. Peixoto (2009) particulariza o caso português referindo: “women have

been an important part of the new migrations that started in Portugal in the late 1990s, even taking into account the delayed effect of diverse cycles of family reunion” (p.198).

Observe-se a seguinte figura:

Fig 1. Número de mulheres estrangeiras em Portugal entre 1999 a 2008 (SEF)



Em quase 10 anos, verifica-se um aumento exponencial de 158% no que respeita ao género feminino. Já a emigração masculina fixa-se nos 110 % para o mesmo período. Outro dado que se extrai, é que em 1999 existiam cerca de 110 mil homens e 80 mil mulheresⁱ e em 2008, 230 mil homens e 210 mil mulheresⁱⁱ. Isto significa que se para os homens o número duplicou, para as mulheres, quase que triplicou. Outra leitura que se faz é que é em 2008 que os géneros mais se aproximamⁱⁱⁱ. É óbvio que a análise aqui evidenciada, não pode centrar-se apenas em dados estatísticos. Com efeito, considera-se que existe cada vez mais uma alteração, porventura substituição do papel^{iv} que estava destinado ao homem, e que agora passou a ser realizado (também) pela mulher:

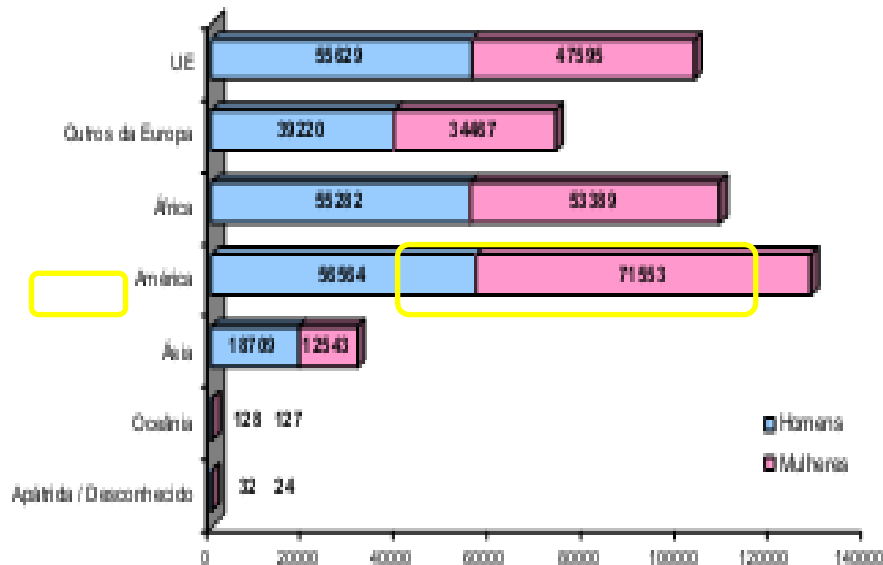
“O fenómeno de feminização das migrações, não se limita portanto ao aspecto numérico, mas caracteriza-se também por uma alteração de papéis associados aos homens e às mulheres” (2010:19).

Segundo (Grieco e Boyd 1990, Curran e Saguy 2001; Pessar 1999, Hagan, 1998), a mulher passou a assumir um papel de destaque. Esta mudança, deve-se sobretudo ao facto de que cada vez mais a emigração representa para a mulher uma espécie de “projecto emancipatório”, em que deixa de estar dependente do ponto de vista económico do homem para viver. Para além deste dado, Padilla confere uma dimensão geográfica a este dado:

“as comunidades migrantes de Argentina, Brasil, Chile, Costa Rica, Equador, Uruguai e Venezuela apresentam uma situação mais equilibrada entre homens e mulheres” (2010:96).

No caso do Brasil, o país aqui em estudo, podemos aferir que existe uma manifesta aproximação em termos estatísticos entre o homem brasileiro que decide emigrar e a mulher brasileira que opta pela mesma via. Observemos os dados referentes ao continente americano no gráfico seguinte. Se para o género masculino existem 56564 indivíduos, para o género feminino existem 71553 mulheres ou seja, um saldo de 14989. Por outras palavras, trata-se do único continente onde as mulheres se destacam enquanto sujeito migratório primordial. Observe-se a fig. 2:

Fig. 2 População distribuída por origem e género



Fonte: CIG 2010

Para além do continente americano, existe uma enorme paridade de género entre os países africanos e (outros) europeus. Uma das causas que potenciam os fluxos migratórios para Portugal, prendem-se por exemplo com razões de ordem afectiva (ser casado(a) com um(a) português(a) ou ter conhecido um(a) português(a)). Padilla aborda a celebração de casamentos mistos que ocorrem “como estratégias de adaptação à nova sociedade” (p.96). Escrivá (1997) nota que o género é muito interessante neste tipo de abordagem, já que muitas mulheres provenientes da América Latina que se encontram em território português, viajaram por terem afinidades com portugueses ou por serem casadas com estes. A este tipo de migração, Escrivá designa por “constituição duma família” ou seja, a mulher quando chega ao país de acolhimento, apenas pode contar com o suporte do seu namorado ou marido. Girona atesta que os matrimónios celebrados entre pessoas originárias de dois países diferentes, não constituem *per si* um fenómeno novo. Porém, a partir de 1990, esta questão ganhou um repentino destaque, assumindo repercussões dignas de serem estudadas. A questão do género é ainda fulcral para compreender que a mulher ainda hoje em pleno séc. XXI continua a ser estigmatizada, situação que se “agrava”, quando conjugada com outros actores como a sua condição de emigrante.

Goffman (1985), refere a esse propósito que o conceito de estigma remete para todo o indivíduo cuja identidade social real se encontra um ou mais atributos que não correspondem às expectativas normativas da sociedade em questão. Tome-se como exemplo o caso de Marita, uma peruana que casou com um português e que acabou por vir morar para Portugal. A partir desse momento, tudo se complicou. Engravidou, ficou em casa durante dois anos sem conseguir arranjar trabalho, separou-se do marido e ainda foi obrigada a lutar pela guarda do filho, para além de ter sido estigmatizada pelos seus amigos e família:

“... os amigos do meu ex-marido deram-me as costas, trataram-me como aproveitadora, com o típico preconceito da mulher latina que se casa com um europeu para ascender” (2007:p.107).

Xavier e Padilla exortam:

“Tanto a feminização dos fluxos, como a crescente incorporação das mulheres pelo casamento, devem ser fenómenos considerados com atenção na investigação futura devido às múltiplas consequências em relação aos filhos” (p.108).

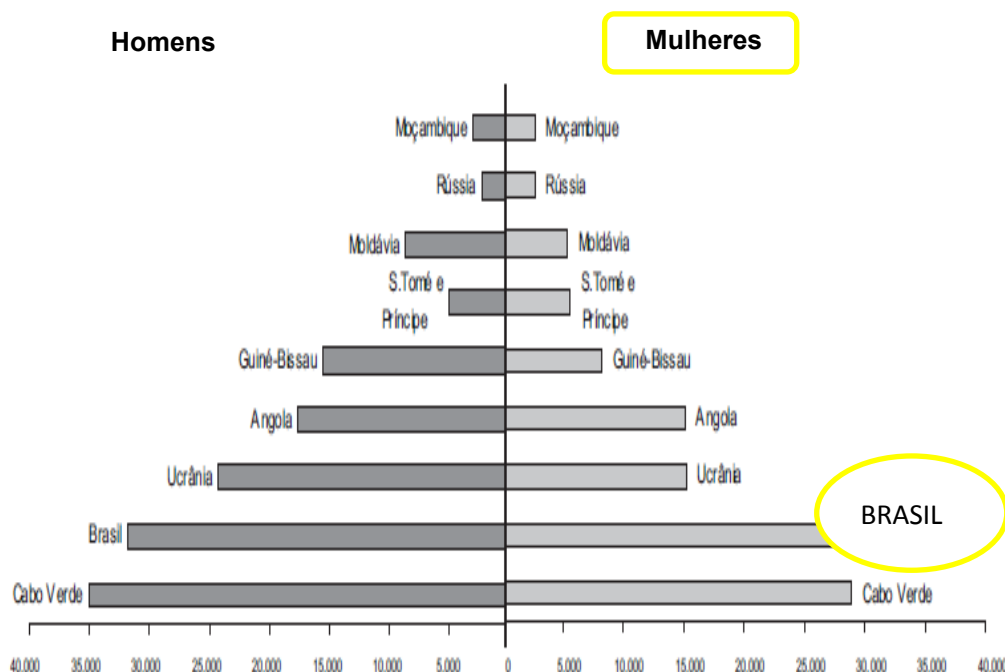
Outras razões que poderão ser aqui apontadas que poderão ou não estar correlacionadas com o género, são de ordem diversa: questões relacionadas com a educação/formação (ex: prosseguimento dos estudos superiores num país estrangeiro); questões relacionadas com a família (ex: laços familiares que o sujeito migratório tem o seu país de origem); questões de âmbito laboral (ex: circulação de quadros de empresas internacionais portuguesas e/ou transnacionais (ex: quadros superiores de empresas multinacionais), bem como desportistas (ex: futebolistas). Para além desta feminização dos fluxos migratórios, este trabalho contemplará como interlocutores, mulheres brasileiras. Porquê esta opção? Um dado interessante que serve como um de outros possíveis de serem avançados para a questão acima explicitada e que já foi apresentado na fig. 2^v, passa pela notoriedade que a “comunidade” brasileira assumiu nos últimos anos em Portugal, quer sob uma perspectiva numérica, estatística, quer em termos de um nova configuração do papel social que foram conquistando e que se reflectiu na opção pela realização deste trabalho. Segundo Padilla (2009), existe uma

“equação migratória entre a América Latina e a Europa, com uma visão histórica, integradora e de longo-prazo” (pág.19).

Portugal assume segundo esta autora, um papel essencial, já que “a maioria dos latino-americanos emigrou para Espanha, Portugal e Itália” (p.25). Padilla avança ainda que “podemos falar da “íbero-americanização” dos fluxos migratórios na Península Ibérica”, assim como da “brasilianização” dos fluxos” em Portugal.

Observe-se o seguinte gráfico:

Fig. 3 Principais comunidades imigrantes em Portugal por género e em termos absolutos em 2007



Fonte: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)

Uma das leituras que desde logo se podem fazer, é que a maior “comunidade” imigrante feminina em Portugal é a brasileira, com cerca de 35000 mil mulheres, enquanto que os homens situam-se nos 32500 mil.

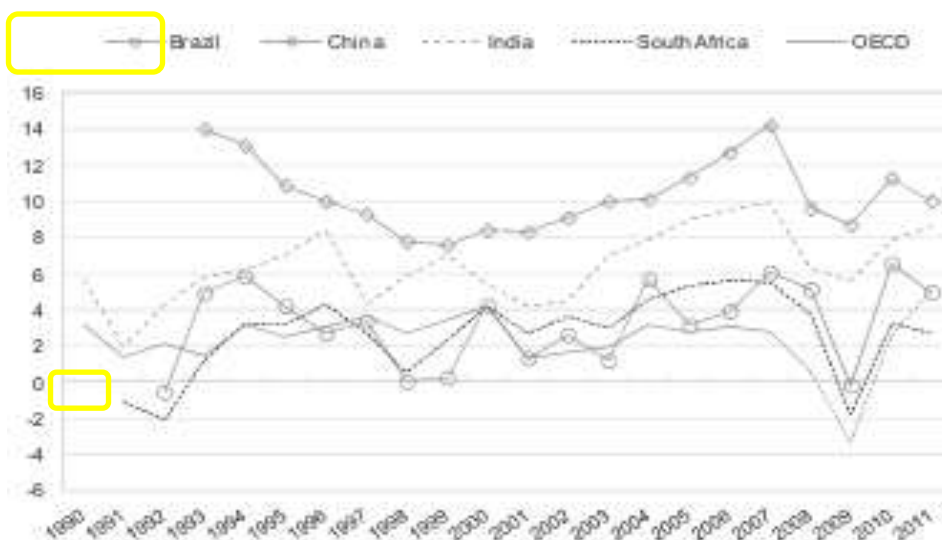
Cabo Verde, por exemplo, supera o Brasil no que toca ao género masculino com quase 35000 mil indivíduos, enquanto as mulheres atingem os 29000 mil. Em termos absolutos, as mulheres brasileiras são a “comunidade” mais representativa, quer em termos de género, quer em termos étnicos. Este indicador é corroborado por Farmhouse^{vi}, embora noutro plano, já que salienta a relevância político-económica que o Brasil tem conquistado nos últimos anos num “quadro” regional:

“a crescente importância do Brasil como potência emergente no continente americano recolocou Portugal como parceiro estratégico na ligação da América Latina ao continente europeu. Com mais de 100.000 cidadãos residentes em território nacional, o Brasil afirma-se, de forma destacada, como a comunidade estrangeira mais representativa em Portugal, confirmando a tendência que se vinha a desenhar desde o início do presente” (Padilla e Xavier (org.) 2009:7).

No plano económico, Strauss-Kahn, ex-director do FMI reforça esta tese afirmando que o Brasil desempenha, “key role to play in global economic governance. It is the largest economy in Latin America and is integrated into the global trade and financial network. Brazil’s future is linked to global economic prospects^{vii}” (2010).

O Brasil tornou-se este ano^{viii}, não só um dos países que lidera a economia global, como um dos poucos que poderá acalantar a esperança de que a sua economia continuará a crescer, sustentada num mercado interno sólido e numa alta taxa de investimento equilibrada. Note-se o seguinte gráfico:

Fig. 4 Índice de crescimento do PIB dos BRICS^{ix}, em comparação com a OCDE



Statlink: <http://dx.doi.org/10.1787/888932332037>

Fonte: OCDE (2010) e OCDE-EU Database in Emerging Economies.

Fig. 5 Crescimento do PIB em alguns países da OCDE e BRICS^x

	Share in total world GDP 1990	Share in total world GDP 2008	Average GDP growth	Average GDP growth	Annual GDP growth				Projections	
					2006	2007	2008	2009	2010	2011
G-8 countries										
Canada	2.7	2.3	2.7	1.7	2.9	2.5	0.4	-2.7	3.6	3.2
France	5.7	4.7	1.8	1.2	2.4	2.3	0.3	-2.5	1.7	2.1
Germany	7.9	6.0	1.9	0.5	3.4	2.6	1.0	-4.9	1.9	2.1
Italy	5.2	3.8	1.3	0.1	2.1	1.4	-1.3	-5.1	1.1	1.5
Japan	13.8	8.1	1.0	0.5	2.0	2.4	-1.2	-5.2	3.0	2.0
United Kingdom	4.6	4.4	2.4	1.5	2.4	2.6	0.6	-4.7	-4.7	1.2
United States	26.4	23.4	3.3	1.6	2.7	2.1	0.4	-2.4	3.2	3.2
Russian Federation ^c	2.4	2.7	-0.4	4.8	7.7	8.1	5.6	-7.9	5.5	5.1
Total OECD	79.9	67.4	2.6	1.5	3.1	2.7	0.5	-3.3	2.7	2.8
Non-OECD										
Brazil	2.1	2.7	2.6	3.2	3.9	6.1	5.1	-0.2	6.5	5.0
China ^c	1.6	7.1	10.4	10.4	12.7	14.2	9.6	8.7	11.1	9.7
India	1.5	2.0	5.6	7.1	9.5	9.9	6.2	5.6	8.2	8.5
South Africa	0.5	0.5	1.6	3.6	5.6	5.5	3.7	-1.8	3.3	5.0

Fonte: OCDE (2010) E World Bank Development Indicators Database.

De acordo com as projecções da OCDE, O Brasil em 2011 apresentou uma taxa de crescimento na ordem dos 5%, o que significa que acima dele, encontram-se a China (9,7%), a Índia (8,5%) e a Federação Russa (5,1%). A África do Sul (5,0%) partilha portanto o mesmo lugar (4º) *ex aequo* com Brasil. Os brasileiros continuam a olhar para a Europa, apesar do serem considerados um dos países em franco desenvolvimento económico, como um destino preferencial para trabalhar e em particular Portugal, com a sua “porta de entrada” num mercado de trabalho comum partilhado por 27 estados-membros^{xii}. É evidente que essa “herança”, se é que podemos chamar-lhe assim, provém do passado. Farmhouse destaca os laços históricos entre os dois países no que concerne ao panorama dos processos migratórios:

“a irmandade entre Portugal e o Brasil tão reclamada pelos dois povos funciona, agora, nos dois sentidos. Depois de um longo período em que emigravam, Portugal é hoje um país de destino privilegiado para muitos brasileiros que procuram aqui uma vida melhor” (em Padilla e Xavier (orgs.) 2009:7).

Se de início eram os portugueses que emigravam para o Brasil, neste momento, passa-se o inverso. Os brasileiros começaram a perceber há uns anos a esta parte, que Portugal fruto da sua adesão à União Europeia, na altura CEE em 1986, sofreu profundas mudanças económico-sociais que motivaram a escolha de Portugal como país de acolhimento, reforçado por um elemento-chave que é a partilha de um mesmo idioma, o português. As razões económicas, representam um dos factores mais importantes que permitem justificar a razão ou razões que levam um ou mais indivíduos a emigrar. Padilla e Xavier invocam essa dimensão:

“elementos económicos que explicam, fomentam ou desencorajam os movimentos migratórios, relacionam-se com as possibilidades de uma inserção laboral. É através desta inserção no mercado de trabalho, que o processo migratório pode ser concretizado e mantido ao longo do tempo” (2009:29).

A Europa desperta na realidade uma atracção para a “comunidade” brasileira e esta não pode alhear-se do facto dos salários europeus serem mais favoráveis quando comparados com os seus, mesmo quando estamos a falar,

“de postos de trabalho considerados de pouco prestígio e para os quais os imigrantes estão sobre-qualificados. Esta situação indica-nos a presença de uma mobilidade laboral descendente, compensada pela diferença de vencimentos e pelo tipo de câmbio (Padilla, 2006b e 2006; Parella, 2003)”,

e que Peixoto (2009) reforça assegurando que “the high economic motivation behind most inflows” (2009:198), reflecte também segundo Coutinho (2007), em termos de desigualdade de género quando analisado o indicador de remuneração média/hora: os homens auferem 4,31 euros enquanto que as mulheres 3,55 euros. No que respeita às mulheres brasileiras (segunda onda migratória), estas encontram-se sobre-representadas segundo Peixoto, em trabalhos do sector dos serviços^{xiii} que reflectem um crescimento sustentado: “recent inflows demonstrated the structural growth of some activities in the labour market”; confirmando o facto de que “and they are performed by immigrant women” (2009:204) e que este tipo de empregos são mais estáveis do que outras actividades/profissões que constroem e reproduzem os discursos e práticas da masculinidade (ex: construção civil). No entanto, muitos outros factores que não apenas aqueles de carácter económico, podem ser apontados como elementos que de certa forma explicam ou pelo menos tentam elucidar as razões pelas quais um indivíduo ou mais decide migrar. Com efeito, estas podem ser de natureza diversa: razões pessoais, religiosas, políticas, étnicas, factores relacionados com guerras, catástrofes naturais^{xiv}, entre outras. Pellegrino (2004) destaca por exemplo, o papel que as redes sociais desempenham nos movimentos migratórios contemporâneos na obtenção de um posto de trabalho:

“as redes sociais de imigração constituem um elemento explicativo das migrações”; “ao ponto de servirem como facilitadoras da migração, actuando como vectores a fim de transmitirem informação e como pontos de apoio que articulam os laços de solidariedade”; “Por exemplo, a existência destas redes faz com que grupos étnicos/nacionais se concentrem em certos países, cidades e em certos bairros ou que os co-nacionais e os co-étnicos trabalhem no mesmo sector ou nicho do mercado” (pág. 45).

Portes reforça, referindo que as redes sociais são “conjuntos de associações recorrentes entre grupos de pessoas ligadas por laços ocupacionais, familiares e afectivos (1995:12). Em síntese, as redes sociais possibilitam às pessoas de acederem a um manancial de “coisas” que em circunstâncias normais se tornariam impossíveis de alcançar (ex: crédito, informação privilegiada, emprego, etc). Aquando da sua integração nestas redes, a obtenção de determinados recursos passa a ser facilitado. Nesta fase, se é que podemos chamar-lhe assim, Portes (1999) designa de capital social:

“os indivíduos ao se encontrarem integrados nas suas respectivas redes sociais, manifestam uma certa capacidade de alcançar certos recursos.” A estes recursos dá-se a designação de capital social que significa a “capacidade dos indivíduos para mobilizar recursos escassos em virtude da sua pertença a redes ou a estruturas sociais mais amplas” (p.16).

Desde logo a ideia de reciprocidade, ganha relevo nesta teoria, na medida em que quando se dá, espera-se algo em troca. Em resumo, os académicos têm preconizado que o capital social contribui para os resultados económicos, como o acesso ao mercado de trabalho, (Aguilera, 2002; Drever and Hoffmeister, 2008), salários (Boxman, De Graaf, and Flap, 1991; Aguilera, 2005), ou “occupational status” (Lin, 1999). Para os imigrantes, o capital social é essencial ao: 1) basear-se nas redes sociais existentes que se tornaram numa efectiva forma de redução dos custos na procura de trabalho; 2) elemento dissuasor de medidas anti-discriminatórias que surgem muitas vezes neste tipo de situações (Mouw, 2002). Lancee corrobora esta tese, ao formular uma questão basilar, fruto do seu trabalho nos Países Baixos: “To what extent can bonding and bridging social capital be associated with a higher likelihood of employment and higher income, for immigrants in the Netherlands?” (p.203; 204). Algumas questões cabem aqui serem colocadas: Até onde nos leva o capital social? O capital social como já fora aflorado, pode por exemplo em termos profissionais, permitir-nos aceder a um emprego que em condições normais não conseguiríamos alcançar, através da

presença de amigos, familiares, conhecidos, em cargos dentro de empresas, instituições, etc? De que forma? Quantos de nós já não ficámos a pensar a razão de não termos sido escolhidos para ocupar uma determinada vaga para a qual concorremos e não conseguimos, apesar do empenho, currículo, experiência profissional demonstrada, o que seja, para o cargo? Porventura pouco ou muito pouco. Resta-nos talvez pensar que na próxima situação, tudo corra pelo melhor. Se não correr, podemos sempre socorrer-nos da criação de um negócio próprio, do auto-emprego ou se quisermos de seguirmos a via do empreendedorismo, tão em voga nos dias que correm. Quer sejam nacionais, quer sejam imigrantes, o empreendedorismo tornou-se hoje uma realidade a que não somos alheios, fomentada pela crise económico-social actual que se faz sentir um pouco por todo o mundo. Portugal não é excepção: o INE publica com regularidade a taxa de desemprego. Segundo os dados referentes ao 3º trimestre de 2011, a taxa de desemprego situa-se nos 12,4%^{xv}, o que faz com que o desemprego, a precariedade, a redução de salários, a perda de direitos sociais, a insegurança na manutenção dos postos de trabalho, constituem porventura os problemas mais graves com que o país se depara neste momento. O empreendedorismo, tornou-se e torna-se para muitos, uma das e/ou a solução para as dificuldades diárias encontradas^{xvi}. Não são portanto apenas os nacionais que recorrem a esta opção profissional. Também os emigrantes vêm no auto-emprego uma resposta para as suas necessidades mais básicas. Poderemos falar de empreendedorismo étnico no ramo da beleza na Quinta do Conde?

Para além de cabeleireiros e centros de estética, foram contactadas algumas lojas de “produtos”. *Brafrican Cosméticos e Acessórios* foi nesse “capítulo” uma delas. A sua proprietária, a sr.ª Helena no decurso de uma entrevista dada em finais de 2011, descreveu o seu espaço como um local mais direccionado para um público-alvo que veio preencher lugar que em 2009 se encontrava desocupado na freguesia:

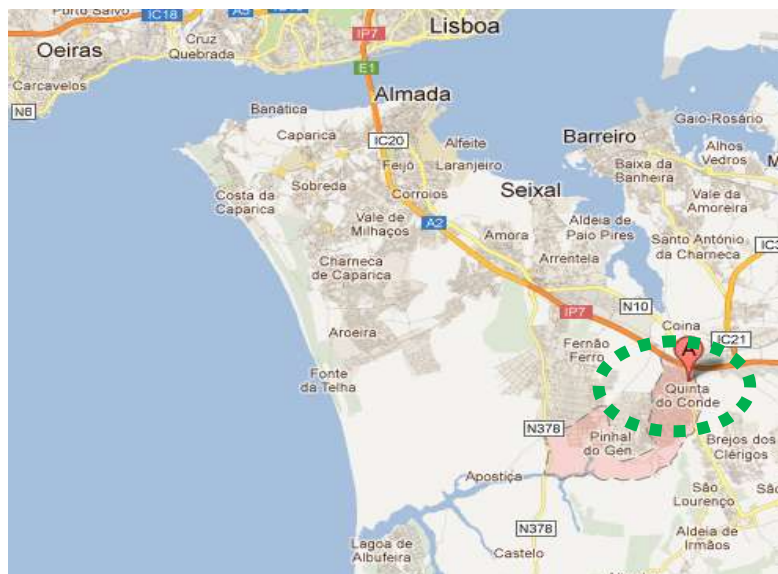
“uma loja mais baseada em acessórios e produtos de cosmética brasileiros e africanos e vendo portanto champôs, máscaras, tintas, ceras para depilação, vernizes” (Quinta do Conde, 2011)

No que toca aos seus produtos, destacou:

“tenho produtos afro para o cabelo, tenho produtos brasileiros como por exemplo Novex, produtos da Gota Dourada, champôs. Tenho uma gama de champôs sem sal que sai muito agora...e tenho tintas naturais sem amoníaco, que sai muito, também é uma coisa que sai muito. E depois tenho vários produtos para o cabelo: cremes para pentear por exemplo, shampoos, condicionadores...tenho vitaminas para a queda do cabelo...bronzeadores, na altura do verão também se vendem bronzeadores brasileiros e cremes da Flora Brasil” (Quinta do Conde, 2011).

Em relação aos seus clientes afirmou que são “mais brasileiros e africanos e também portugueses já vão aderindo ” o que vai ao encontro de dados empíricos de outros estudos, de que muitas vezes, o exótico como que se massifica à população autóctone (Góis e Marques, 2012: 60). Ao invés de prosseguir-se com a apresentação de mais dados empíricos, façamos primeiro uma pequena incursão pelo terreno e pela metodologia usada.

Enquadramento Territorial e Metodologia Utilizada



Enquadramento territorial

O terreno como já fora dito no início deste trabalho, foi a Quinta do Conde, a maior freguesia do Concelho de Sesimbra. Constituída em 1985, é composta segundo os últimos dados disponibilizados pelo INE por 16389 habitantes^{xvii}. Tornou-se vila em 1995, transformando-se no pólo aglutinador da região na área de prestação de serviços e na área comercial. Como já fora dito na introdução deste estudo, retomou-se algum trabalho que já tinha sido iniciado no passado (2009), embora num contexto diferente.

Fig.6 Vista parcial da Quinta do Conde (Google Maps, 2012)

Algumas reflexões podem e devem serem aqui expostas a esse respeito, em particular com a entrada em espaços que se poderão considerar como ambientes feminizados ou seja, as interações aí manifestadas são produzidas (quase) em exclusivo por mulheres, o que significa que para um trabalho de um antropólogo ou se quisermos de um cientista social que trabalhe com questões de género, uma permanência sistemática e duradoura nesses locais, não constitui tarefa fácil. Poderá argumentar-se que nem sempre é assim e com certeza que não será mas esse foi o caso que se passou e que se reflectiu sobretudo nas abordagens junto a cabeleireiras e esteticistas.

Metodologia Utilizada

A metodologia utilizada assenta em trabalho de campo na freguesia da Quinta do Conde, recorrendo à observação participante e na realização de cerca de 10 entrevistas em profundidade, contactos exploratórios, conversas formais e/ou informais, troca de correio electrónico com instituições (destaque para Câmara Municipal de Sesimbra - C.M.S. e para alguns gabinetes da sua dependência como o Gabinete de Apoio ao Empresário – G.A.E), entre outros. Recorrer-se-á ainda a um diário de campo, onde se procurará registar informações de natureza diversa, que de outra forma se poderia perder e esquecer. Uma nota final para a opção pela recolha de informação de pendor qualitativo por força dos objectivos traçados no início da investigação, não sendo descurado aqui e ali a exibição de gráficos, tabelas e quadros disponibilizados pelo INE e SEF que ajudem de certa forma a acrescentar alguns dados sob uma perspectiva mais ampla.

As informantes^{xviii}

Joana, proprietária de um centro de estética

Joana é proprietária de um centro de estética, local onde presta vários serviços: manicure, pédicure e unhas de gel. Originária de Minas gerais, Ipatinga, chegou a Portugal sozinha e não tinha cá qualquer família nem amigos. Emigrou conforme referiu “à toa”, não pretendendo fazer reagrupamento familiar na Quinta do Conde, uma freguesia onde se instalou já vai para 7 anos. A escolha recaiu em Portugal porque “fala a mesma língua e emigrei porque queria uma coisa nova, mudar de área”. Joana refere que necessitava de conhecer uma nova realidade até porque segundo diz, “naquela altura todo o mundo saía... para os EUA, para ir para ali e para lá, e tal, e eu vim para cá porque não gastava muito na altura e como falava a mesma língua era mais fácil por isso” (00:00:46 seg). Joana mantém contactos regulares com a família no Brasil. Os amigos, esses já estão casados. Os contactos são possíveis graças às novas tecnologias como a internet e as redes sociais (facebook). No que toca às questões laborais, salienta que existiu da sua parte no passado, uma grande necessidade de trabalhar, tendo exercido por essa razão funções em profissões que em pouco ou nada se assemelham com aquilo que faz hoje-em-dia. A esse propósito, faz questão de recordar que em Portugal o seu percurso profissional foi bem mais simples:

“foi fácil, quando eu cheguei fiquei 10 dias sem trabalhar. Depois conheci logo uma senhora que tinha um mini-mercado. Então ela lia os anúncios do Correio de Manhã e ela ligou para um cabeleireiro na altura em Cruz-de-pau e disse que conhecia uma moça sua amiga assim; ela é manicure; e foi através dessa senhora que eu fui a uma entrevista e fiquei. Trabalhei para essa senhora 1 ano e meio. Trabalhei num outro cabeleireiro 3 anos. Dois anos aqui e depois legalizei. Fiquei 11 meses em casa, depois que o meu filho nasceu (Quinta do Conde, 2011).

Já no Brasil recorda:

“Trabalhava aos fins-de-semana. Durante a semana trabalhava num hotel, na recepção de um hotel. Eu já fazia isso mas não fazia isso como profissão. E depois eu vim para cá. Isto é muito mais procurado que lá, lá toda a gente faz cabelo por isso não há assim tanta procura” (00:02:35).

Apesar de ter chegado a território português em 2005, Joana já trabalhou na Cruz de Pau; Laranjeiro e Quinta do Conde, conforme fez questão de frisar, tendo decidido abrir um cabeleireiro por conta própria porque é aquilo que gosta de fazer e também porque se fosse trabalhar para um cabeleireiro de outra pessoa, argumenta que:

“tinha que fazer uma casa outra vez. Estive em casa. É complicado...e eu optei para vim trabalhar para mim. Eu trabalhando para os outros, eu ia receber à comissão e assim eu faço a coisa à minha maneira. Entro e saio à hora que eu quero e como tenho filhos...” (00:00:45).

Joana trabalha sozinha e os seus clientes são tanto brasileiros como portugueses, não fazendo qualquer distinção entre uns e outros. Após algum tempo de permanecer em Portugal, conseguiu legalizar-se, o que permitiu começar a descontar para a Segurança Social. Joana confidenciou que durante 1 ano e meio trabalhou sem qualquer tipo de contrato, o que coincidiu talvez com a altura em que se encontrava mais “vulnerável”. Após esta fase de alguma intranquilidade, conseguiu o seu primeiro emprego na Cruz-de-pau, refere. Segundo a própria, essa situação sucedeu por ter “deixado andar” e também porque não se informou. Apesar desses percalços, Joana encara o momento presente com satisfação. É empresária em nome individual e,

“acima de tudo tenho tido dinheiro. Agora não tenho muito. Sempre tive dinheiro. Agora a coisa está mais pobre, está mais complicada...e a crise...as pessoas escondem-se atrás da crise. Mas não tenho razão de queixa...hoje por exemplo tenho tempo, estou a falar com você numa boa mas no fim-de-semana, na 5ªf, na 6f, no sábado há muito mais trabalho porque as pessoas ou saem ou arranjam-se para passar o fim-de-semana em casa com o marido, com os filhos ou arranjam-se na 2f para passarem a semana de trabalho bonitas. Lá isso não existe muito. Lá é só ao fim-de-semana” (00:03:47).

Na opinião de Joana, o estado não promove quem se torna empreendedor já que quando abriu o centro de estética de que é proprietária na Quinta do Conde, este não lhe forneceu qualquer ajuda económica no sentido de criação de seu próprio negócio^{xix} conforme deveria ter feito, até porque estava desempregada, o que significa que teria direito à prestação do subsídio de desemprego na sua totalidade ou a título parcial. Joana narra por momentos o seu percurso atribulado ao referir que numa primeira etapa foi à Segurança Social tratar da documentação para requerer dessa “condição”. Depois encontrou-se com alguém ligado a esta questão na Cotovia^{xx} que na altura lhe advertiu que como os custos que iria ter na abertura do seu negócio iam ser baixos, o melhor seria ir por sua conta, até porque segundo o “responsável” ligado à Câmara Municipal de Sesimbra, o tempo de espera de aprovação de um projecto varia entre 5, 6 meses. Joana acrescentou ainda que caso todas estas situações fossem ultrapassadas, no final e já depois do projecto estar aprovado, o estado ou quem o representa nesta situação, iria dizer “uma coisinha bem mínima para não aprovarem”, pelo que decidiu avançar sozinha, tendo dado baixa do fundo de desemprego num dia e aberto o seu centro de estética, três dias depois. No plano pessoal, Joana frisa que as suas expectativas ao nível familiar concretizaram-se com o nascimento do seu “filho lindo” e que apesar de ter imigrado por razões económicas, tornou-se evidente com o passar dos anos da necessidade de,

“uma pessoa quer constituir família desde que não esteja no desemprego né? Sim, eu acho que sim e não vou embora. Tenho casa própria. Não vou embora. Vão ter de me aturar até eu ficar mais velhinha...(risos)” (00:07:48).

Com o decorrer da entrevista e em particular nas respostas às últimas questões, Joana demonstrou que as coisas já não são as mesmas. A crise económico-social actual parecia surgir como pano de fundo, reflectindo-se amiúde nas suas palavras:

“Sim, aquelas clientes que vinham todas as semanas agora só vêm uma vez de quinze em quinze dias, isso é verdade, isso nota-se e há nota que diminui assim também” (00:09:15)

Em jeito de balanço, Joana salientou que visitou outras cidades (Lisboa); conheceu “muita gente boa” assim como “muita gente que não presta como em tudo na vida”, tendo feito muitas amizades com quinta-condenses, garantindo que “não tenho razão de queixa e pronto.” (00:09:42). Após a recolha e tratamento da informação aqui exposta, existiram um conjunto de questões que aquando das incursões iniciais no terreno não se tinham colocado. Nessa perspectiva entendeu-se voltar ao contacto com a Joana e explorar essa dimensão, “colocando em diálogo” o que é exercer a actividade de cabeleireira em dois países distintos no que concerne à formação, técnicas, produtos, forma de trabalhar, etc. A esse propósito a entrevistada informou que existem diferenças em termos técnicos:

“a gente tira a pele, empurra a pele, quando não pinta, limpa e volta e aqui aprende-se de outra maneira. Por exemplo aqui quando se está a tirar um curso mesmo se é o IEFP, só pode dar 3 pinceladas. Por exemplo e nós não, coloca o

dedo inteiro com verniz e depois vai lá com um panito e limpa. Uma coisa mais perfeita, é só por aí, eu acho” (00:00:41).

Joana tirou o curso no Brasil, exercendo a sua profissão na Quinta do Conde conforme os conhecimentos aí adquiridos, até porque as suas clientes gostam da sua forma de trabalhar. Os produtos que emprega tanto são brasileiros, como portugueses., embora neste momento utilize mais os portugueses porque são mais baratos. Joana concorda com a ideia que a profissional deste sector trouxe algum *know how* ao meio, até porque nota que as suas colegas portuguesas têm “caprichado” e adaptado algumas técnicas do Brasil. Sustenta por essa razão que aquelas que não se adaptam, acabam por perder a clientela para outras esteticistas. Para além do mais, uma manicure defende, também é uma psicóloga, o que permite criar laços de afecto e amizade para com as suas clientes. Questionada face à concorrência que poderá existir (ou não) entre si e sobretudo as suas colegas portuguesas, argumentou que essa rivalidade a ser verificada, apenas ganha visibilidade em alguns detalhes, remetendo esses casos para situações em que está a trabalhar e sente que uma colega sua portuguesa, poderá aqui e ali olhar para aquilo que está a fazer. Pegando na deixa, resolveu-se centrar a conversa nas unhas de gel, um serviço tão em moda hoje-em-dia. A opinião de Joana quanto a esse tipo de trabalho, que segundo aquilo que se foi apurando, se apresenta como uma actividade cada vez mais minuciosa, é de que essa actividade:

“não existe no Brasil até hoje. Unhas de gel é europeu. É Europa. Uma manicure que venha agora do Brasil, ela não sabe nem o que é que é gel” (00:05:41).

Joana ressalva no entanto que existem algumas clínicas de estética que prestam esse tipo de serviços no Brasil, mas “são muito caras”.

Júlia, cabeleireira e gerente de um cabeleireiro

Júlia é natural do Rio de Janeiro, Niterói. Imigrou para Portugal em 2000 e neste momento faz parte de uma equipa de três pessoas que gere um dos cabeleireiros mais famosos na Quinta do Conde. Chegou à freguesia acompanhada pelo marido português que lá viveu consigo durante 11 anos e os seus 2 filhos. Quando chegou a Portugal, tinha familiares do marido que já cá moravam. O seu percurso migratório é em traços gerais, marcado por algumas diferenças entre a época em que emigrou e a actual:

“eu vim numa altura em que não haviam tantos brasileiros cá em Portugal, 2000. Estamos em 2011 não é? Na altura em que eu cheguei cá não tinha muitos brasileiros”.

Embora já cá esteja há 11 anos, nunca quis trazer qualquer familiar seu. Apenas a sua mãe já cá esteve mas foi durante um curto período de férias. Emigrou para Portugal para “fugir” à violência do Rio de Janeiro e escolheu a freguesia da Quinta do Conde por ser uma localidade calma e pacífica, capaz de proporcionar um ambiente harmonioso que favoreça o crescimento dos seus filhos. Ao contrário de Joana, Júlia pretende regressar a Niterói. Já todos partiram, excepto ela própria e a sua sogra. Ao contrário daquilo que se possa imaginar, Júlia revela que nunca teve problemas no Rio, advertindo que isso não a impede de frisar que já passou por momentos complicados, embora não queira entrar em pormenores:

“vi muita coisa, vi muita coisa, mas entre aspas porque o meu pai era da marinha e eu vivia em zona militar. Então na marinha...é diferente não é? Não há essas casas, nem favelas, nada disso não! Mas via muita coisa. O Rio de Janeiro é uma cidade violenta” (00:01:33).

O mesmo já não pode ser dito de Portugal. A niteroiense confia um pouco mais à frente que já cá foi assaltada não adiantando mais pormenores. Júlia mantém contactos regulares com o Brasil. De 2 em 2 anos, vai lá ver os pais e toda a sua família. Para além das viagens que faz, usa a internet, facebook, orkut, skype para conversar com os seus familiares. Quando decidiu começar a trabalhar na Quinta do Conde, Júlia conta que tentou trabalhar na área da farmácia, porque essa tinha sido a sua formação no Brasil: “era assistente farmacêutica”. Para comprovar essa situação, apresentou aos empregadores a que se dirigiu, um certificado que atestava as suas habilitações no ramo. Porém, face à inexistência de um reconhecimento da sua formação por parte destes, de ter dois filhos para criar, da dificuldade em morar na Cruz de Pau e de ter que tirar um curso em Lisboa que na altura custava 200 escudos, acabou por ir fazer uma entrevista através de um anúncio de trabalho que leu, num cabeleireiro português, tendo aí ficado como assistente de cabeleireira durante 6 a 7 anos^{xxi}. Um dado que poderá ter ajudado à sua entrada profissional neste meio, é a ligação que a sua família tem no Brasil com esta profissão: todos são cabeleireiros e os que não são, escolheram a costura, adianta. Para si, as disparidades inerentes à sua profissão no Brasil e em Portugal, são algumas:

“as mulheres brasileiras são mais exigentes, tanto no ramo das unhas, pés, mãos, beleza. Elas gostam muito de tratar do cabelo. Aliás no Brasil é afro-brasileira, é muito cabelo. A diferença é que aqui a mulher portuguesa tem pouco cabelo e...o meu irmão é cabeleireiro. Esteve aqui 6 meses de férias mas não se conseguiu legalizar e não conseguia trabalhar nos cabelos porque estava acostumado com outro cabelo porque aqui a mulher portuguesa gosta de dar volume e a gente no Brasil...o meu cabelo é caracol, está é esticado. O meu cabelo é muito caracol. Por exemplo arranjam muito pé mas no geral...lá a mulher brasileira do Rio de Janeiro é verão o ano inteiro. Os cabeleireiros estão cheios o ano inteiro. Nessa questão aqui, eu vejo que o nível de movimento cai”; “lá a mulher brasileira é mais vaidosa, gosta mais de mostrar a unha, de sandália” (00:05:10).

Os seus funcionários são todos brasileiros, excepto 2 portugueses, referindo não por opção, apenas porque foram saindo. A clientela foi no passado 100% brasileira, mas nos últimos anos a esta parte, famílias inteiras começaram aos poucos a regressar ao Brasil (cerca de 60%^{xxii}), mencionando um caso bem ilustrativo do que acabara de dizer:

“aqui na Quinta do Conde então...por exemplo. Uma família que tinha para aí umas 20 pessoas, 15 pessoas. Vinha a mulher, vinha o marido, vinha o filho...vinha o neto. A família foi embora, perdemos isso tudo não é? Temos uma percentagem de 30% a 40% de clientes portugueses. Também gostam do nosso trabalho e como temos uma cabeleireira portuguesa e temos uma brasileira que já trabalhou num salão português, como eu que já trabalhei, também gostam de vir cá. E também temos muitos clientes afro.” (00:07:05).

A maioria da sua clientela mantém-se mesmo assim brasileira. No salão onde trabalha, os produtos utilizados são na sua maior parte produtos italianos da marca *Helen Seward*, embora também existam outros. Quanto às questões laborais, a niteroiense afirma que trabalhou sempre com contrato e que neste momento está legalizada, não exercendo qualquer outra actividade remunerada, até porque já tem um trabalho a full-time. A discriminação foi de início algo com que se teve de confrontar. A esse respeito refere mesmo que os brasileiros são perseguidos pelos portugueses:

“mas foi um bocado difícil porque eu como também trabalhava na farmácia e fazia a recolha de mercadorias e tinha que fazer conferência, fazia inventários, também fui à procura de supermercados. Por acaso não fui bem atendida, não gostei. Por acaso tivemos lá uma cena no Pingo-Doce porque havia vaga e ela me respondeu que havia pessoas qualificadas para aquilo. E eu disse, a senhora é que não é qualificada para me dar informação. Porque a senhora nem sabe se eu tenho o 12º completo. A srª não sabe a minha informação e a srª também não sabe a necessidade porque eu acabei de chegar do Brasil e agora estou à procura de trabalho” (00:09:40).

Um dado interessante a este respeito, é quando Júlia fala dos seus conterrâneos, afirma que a maior parte deles não tem escolaridade, não sabe falar, “andam aí soltos, vagabundos” enquanto que ela é trabalho-casa e casa-trabalho. Em síntese, não considera ter sido difícil abrir o cabeleireiro onde de momento se encontra a trabalhar, facto que a leva a dizer que se encontra satisfeita quer em termos profissionais, quer em termos pessoais. A crise económica que estamos a atravessar tem sido sentida por esta niteroiense de uma forma gradual, facto que não a espanta ao ver os seus conterrâneos a retornar ao Brasil. Ainda cá está porque comprou casa e aguarda que o seu filho mais velho acabe o 12º ano. Em jeito de balanço geral, salienta que está contente por Portugal ser bastante diferente do Rio de Janeiro, no que toca às questões de violência e afins, permitindo dessa forma criar os filhos num clima de paz e segurança, usufruindo de um sistema de saúde que considera de Bom.

Daniela, cabeleireira portuguesa

Daniela nasceu em Chaves, é cabeleireira há 50 anos e está na Quinta do Conde há 12 anos. Entrou para o ramo porque gostava da profissão e porque casou com um cabeleireiro português. Trabalhou durante 10 anos na cidade que a viu nascer, antes de ir ter com o seu marido na altura a Angola. Na capital Luanda, viveu durante 4 anos, saindo de lá em 1975. Ponderou regressar a Portugal mas na altura, “as notícias não eram muito animadoras”. A falta de emprego era na sua opinião, um problema estrutural de que o país padecia. A solução que encontrou foi emigrar para o Brasil e fixar-se durante alguns anos na cidade de S. Paulo. Observando o seu percurso migratório, Daniela foi cabeleireira em 3 países diferentes, congregando em si própria diversas experiências migratórias num mercado de trabalho que na altura já era se quisermos global, mas não tão globalizado como o actual. Cabe aqui portanto evidenciar algumas discrepâncias no que concerne aos mercados de trabalho por onde Daniela passou, assim como outras questões consideradas relevantes:

Em Angola

“em Angola a diferença não é nenhuma porque lá está pouco desenvolvido na área de cabeleireiros. Então não haviam assim muitos cabeleireiros. Eu cheguei lá, comecei logo a trabalhar. Eu trabalhei, fiz a casa...saí de lá em 75, em Outubro de 1975.”

Produtos

Em termos de produtos Daniela sustenta que os produtos angolanos no mercado eram todos importados de Portugal, embora existissem alguns produtos sul-africanos. A maioria eram da *L’Oreal*. Neste momento (2012) já existem alguns produtos brasileiros que são bons no geral.

Brasil

“No Brasil também me empreguei. Estava ambientada com o trabalho...ia sem dinheiro. Perdemos tudo em Angola e tinha que arrumar emprego...arrumei uma casa, montei um salão e mantive-me lá durante 25 anos a trabalhar”.

Técnicas

A escova progressiva é para Daniela, uma técnica originária do Brasil. Para além disso, afirma que se trata de uma prática recente. No seu tempo, apenas se faziam extensões.

Produtos

Para Daniela, existem alguns produtos que foram sendo proibidos nos cabeleireiros pelo seu alto nível de toxicidade, embora saiba de casos em que eram utilizados em casa das clientes, através do emprego de formol e éter, por exemplo. A indústria brasileira é para si, de grandes dimensões, existindo enorme diversidade. Garante que não trabalha com produtos brasileiros, apesar de ter lá estado mais de duas décadas a trabalhar.

Cabelos, mãos e pés

“na época que eu fui usavam-se muitos aqueles cortes nas negras não é (trabalhava para senhoras), o Black Power – aquele corte redondo, de carapinha. Eu por acaso tinha jeito para aquilo”; “na época em que eu estava em Angola não se ouvia falar em alisamentos. A gente alisava com um líquido permanente e fazíamos a toca de gesso que era um processo para alisar os cabelos, fazíamos permanentes com... no cabelo encaracolado para ficar, para fazer um caracol mais largo. E o resto era igual” (00:04:14); “ai é muito bom (risos). É muito bom trabalhar. Elas (brasileiras) têm cabelos muito bons porque elas têm uma maneira de ser...para elas, as mãos, os cabelos e os pés têm que andar sempre impecáveis e elas cuidam-se muito. Cuidam muito da parte dos cabelos, cuidam muito dos cabelos. E então é muito fácil trabalhar com elas. Elas são modernas, são ousadas” (00:06:46).

A mulher brasileira é na sua opinião “muito mais aberta para a parte da beleza”. Um dado curioso é que vê muitas mulheres jovens na Quinta do Conde com problemas de calvície, com queda de cabelo acentuado. No que respeita às mãos e pés, defende que as mulheres cuidam mais das mãos e dos pés no Brasil.

A crise

Daniela relaciona a crise económica com a quebra acentuada de clientes no seu salão. O problema é mesmo a falta de dinheiro que tem levado as pessoas a pintar os cabelos em casa (andando depois com os cabelos manchados), a procurar o mais barato, não importando o trabalho que se faça. Daniela revelou ainda assim que tem alguns clientes (a maioria portugueses) há largos anos. O resto, anda sempre a “saltar entre o mais barato, querendo experimentar tudo”. Para si,

“é muito difícil trabalhar em Portugal porque nós habituamo-nos ao cliente, ao cabelo da cliente e a cliente habitua-se a nós. A gente sabe o que vai fazer num penteado, num cabelo. Mas depois chega um cliente que não é um cliente, vem hoje e amanhã já não vem. Nós estamos sempre perdidas porque nós vemos o cabelo naquela hora, faz o que a cliente pede mas não dá para criar, não dá para aprimorar, não dá para fazer, não dá para aconselhar a cliente, não há aquele convívio que deve de haver, assim como os médicos” (00:09:55).

Colegas portuguesas

Daniela não olha para as suas colegas portuguesas como concorrentes e quanto ao que acha daquilo que pensam de si não pode dizer nada que seja fundamentado, porque não se conhecem. Não existe convívio.

Colegas brasileiras

Daniela salienta que as suas colegas brasileiras por seu turno, são muito hábeis,

“uma brasileira se quiser arranjar as unhas, ela não precisa de tirar um curso. Ela chega a um lugar qualquer – “Eu sou manicure” e atende uma cliente. Elas são mesmo assim. Elas deitam mão a qualquer coisa. Elas querem é ganhar

dinheiro. Então não precisam de ter curso nem nada. A maioria das brasileiras que estão a trabalhar aqui nunca fizeram curso nenhum. Chegaram aqui, começaram a trabalhar e vamos lá a ver” (00:20:07).

Considerações finais

O trabalho aqui apresentado é uma versão resumida daquilo que se considerou ser o cerne de uma tese de Mestrado em progresso. No plano teórico, saliente-se alguns dados: 1) aumento da migração feminina nos últimos anos dando origem ao aparecimento de alguns estudos académicos na área das migrações; 2) relevância das questões ligadas às variáveis de género (a partir dos anos 70); 3) alteração do enfoque – a mulher passa a assumir preponderância enquanto sujeito migratório activo na procura pela sua emancipação; 4) preponderância que a comunidade brasileira assumiu em Portugal no contexto dos fluxos migratórios contemporâneos. No plano prático, considerou-se pertinente por seu lado, apresentar três extractos de histórias de vida que fossem representativas de certa forma, dos processos migratórios das informantes na Quinta do Conde. Nessa linha, as trajectórias migratórias de Joana e Júlia apresentam alguns pontos em comum: ambas imigraram para Portugal por questões económicas; ambas enveredaram pelo empreendedorismo no sector da beleza na Quinta do Conde para fugir ao desemprego ao mesmo tempo que olharam para esta opção profissional como uma oportunidade que não quiseram esbanjar. Por último, julga-se que ambas optaram por este ramo, no seguimento de um processo a que se designou por disposições sociais, ou seja, aquilo que se pode entender por uma dimensão do *habitus* de cada um. Em contraponto, registe-se aqui o percurso singular de Daniela. Com efeito, Daniela é portuguesa ao contrário de Júlia e Joana que são brasileiras, embora tenha vivido na cidade de S. Paulo durante 25 anos. Esta ao contrário das suas homólogas brasileiras, sempre trabalhou como cabeleireira a partir do momento em que casou com um português, enquanto que Joana e Júlia são resultado de algumas circunstâncias que as conduziram por esse caminho. Daniela para além de ter emigrado para o Brasil, já tinha experienciado o que é trabalhar como cabeleireira em Chaves e em Angola, o que a tornou numa entrevistada *sui generis*. Em síntese, constatou-se ainda que a sobre-representação do sector da beleza na Quinta do Conde, repercute alguns aspectos que até então ainda não tinham sido equacionados, mas que com o trabalho de campo ganharam visibilidade: desenvolvimento de mercados abandonados; selecção de mercados caracterizados por economias de escala inexistentes e/ou débeis; c) aproveitamento de mercados com procura oscilante e/ou inconstante; e d) investimento em mercados de produtos ou serviços “exóticos”. Pensa-se que a freguesia quinta-condense pode ser observada à luz destes vários eixos: se é uma realidade de que quando chegou a imigração brasileira à freguesia (sobretudo nos anos 90), já existiam cabeleireiros portugueses, também é um facto que era um mercado ainda por explorar. Os serviços que ofereciam eram aqueles que qualquer cabeleireiro/centro de estética de uma qualquer cidade do país tinha. Neste momento, já não é bem assim, na medida em que ao entrarmos pela porta de um estabelecimento brasileiro deste tipo na Quinta do Conde, como porventura em qualquer outro semelhante em Portugal, somos confrontados e isto sem cair em quaisquer juízos de teor generalista, com uma variedade de serviços que até então não existiam e que se generalizaram aos próprios cabeleireiros portugueses que colocam nas suas montras esse tipo de trabalhos, de forma a garantir a preferência de uma clientela cada vez mais vasta, exigente e heterogénea.

Bibliografia

- AAVV, (2007), *Index de Políticas de Integração de Migrantes*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Aldrich H.E. e Waldinger R., *Ethnicity and Entrepreneurship*, Annual Review of Sociology, Vol.16, 1990. pp 111 – 135.
- Bourdieu P. (1979), “Les Trois États du Capital Culturel” em *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 30, Paris.
- Bourdieu P. (1987), *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1987.

- Bordieu P. (1999), *A Dominação Masculina*, Rio de Janeiro, Bertrand.
- Cabral, Alcinda (coord.) (2005/07), *Integração social e económica de imigrantes*, Projecto de Investigação financiado pela FCT, Lisboa, FCT.
- Cabral, João de Pina (1983) *Análise Social*, vol. xix (76), 1983-2.º, pp. 327-339, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Castles, S. (2005), *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios*, Lisboa, Fim de Século.
- Chiang, Lan-hung Nora (2004) *The Dynamics of Self-employment and Ethnic Business Ownership among Taiwanese in Australia*.
- Coutinho, A. L.; Oliveira, B. e Oliveira, M. (coords), (2007) Projecto SIMM “Sensibilização e Integração de Mulheres Migrantes e Marginalizadas – No Caminho para a Igualdade de Oportunidades”; *Relatório de Investigação visando o Planeamento, Implementação e Avaliação de um Serviço de Apoio a Integração de Mulheres Migrantes e Marginalizadas*, Associação de Solidariedade Internacional (Promotor) com o Apoio da Comissão para a Igualdade e para o Direito das Mulheres, Porto.
- Dana, Léo-Paul (ed.) (2008), *Handbook of Research on Ethnic Minority Entrepreneurship: A Co-evolutionary View on Resource Management*, Cheltenham, Edward Elgar Publishing Limited.
- Escrivá, A. (1997) "Control, Composition and Character of New Migrations to Southern Europe", *New Community* 23.
- Esteves, Maria do Céu (org.) (1991), *Portugal, país de imigração*, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- Faustino, Horácio C. (coord) (2009), *As Características da Imigração em Portugal e os seus Efeitos no Comércio Bilateral*, Lisboa, ACIDI.
- Fernandes, Gleiciani; Beatriz Padilla e Mariana Selister Gomes, (2010), "Ser brasileira em Portugal: imigração, género e colonialidade", Actas apresentadas no 1º Seminário de *Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa*, Barcelona, 25 e 27 de Novembro de 2010, Barcelona.
- Godinho, M. (1978) “L’Emigration Portugaise (XV-XX Siècles). Une Constante Structurale et les Réponses aux Changements du Monde”, *Revista de História Económica e Social* 1, pp.5-32.
- Góis, Pedro e José Marques (2012) *A Emergência das Migrações no Feminino*, Cascais, Principia.
- Karageorgis, Stavros e Ivan Light (1994), "The Ethnic Economy" em N. Smelser e R. Swedberg (ed.), *The Handbook of Economic Sociology*, pp. 647-671, Princeton, Princeton University Press.
- Lages, Mário Feal (2006), *Os Imigrantes e a População Portuguesa – Imagens recíprocas*, Lisboa, ACIME.
- Light, I. et al. (1994), "Beyond the enclave economy", *Social Problems*, 41: 65-80.
- Maluf, Sônia W. Corpo e Corporalidade nas culturas contemporâneas: Abordagens antropológicas. Esboços, Revista do Programas de Pós-Graduação em História, 2003.
- Matias, A.; K. Wall e C. Nunes, (2005), *Immigrant Women in Portugal: Migration Trajectories, Main Problems and Policies* (Working Paper), Lisboa, ICS-UL.
- Oliveira, Catarina e Rath, Jan (coord.) (2008), “O empreendedorismo na perspectiva de género: uma primeira aproximação ao caso das brasileiras em Portugal”; “Limites e oportunidades do empreendedorismo imigrante”, *Revista Migrações III*, pp. 191-216, Lisboa, ACIDI.
- Mauss, Marcel (1934), “Les techniques du corps”, *Journal de Psychologie*, XXXII, Communication présentée à la Société de Psychologie le 17 mai 1934.
- Oliveira, C. e J. Rath (org.) (2008), *Empreendedorismo Imigrante*, Lisboa, ACIDI. 13.
- Oliveira, C. (2005) *Empresários de Origem Imigrante: Estratégias de Inserção Económica em Portugal*, Lisboa, ACIME.

- Padilla, Beatriz (2010), *Mulheres Imigrantes Empreendedoras*, Lisboa, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG).
- Padilla, Beatriz; Xavier, Maria (org.) (2009), *Migrações entre Portugal e a América Latina*, Lisboa, ACIDI.
- Padilla, Beatriz, (2008), “O empreendedorismo na perspectiva de género: Uma primeira aproximação ao caso das brasileiras em Portugal”, em Catarina Reis Oliveira e Jan Rath (org.), *Revista Migrações - Número Temático Empreendedorismo Imigrante*, pp. 191-215, Outubro 2008, n.º 3, Lisboa, ACIDI.
- Peixoto, João (2009), *New Migrations in Portugal: Labour Markets, Smuggling and Gender Segmentation*, Oxford, Blackwell Publishing Ltd.
- Peixoto, João (org.) (2008), *Imigração e mercado de trabalho em Portugal: investigação e tendências recentes*, Lisboa, ACIDI.
- Peixoto, João (coord.) (2006), *Mulheres Migrantes: Percursos Laborais e Modos de Inserção Socioeconómica das Imigrantes em Portugal*, Projecto de Investigação financiado pela FCT e CIDM, Lisboa, SOCIUS, CISEP e CESIS.
- Peixoto, João (2004), “As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas”, (online) Lisboa, SOCIUS Working Papers.
- Portes, Alejandro (1999), *Migrações Internacionais: Origens, Tipos e Modos de Incorporação*, Oeiras, Celta editora.
- Portes, Alejandro (1995) “Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview”, em *The economic sociology of immigration. Essays on networks, ethnicity, and entrepreneurship*, pp. 1-41, Nova Iorque, Sage Foundation.
- Santos, Maria Gonçalves Conceição (2009), *Um Contributo para Pensar a Geografia das Migrações. A Comunidade Brasileira na Região Centro de Portugal*, Dissertação de Doutoramento em Geografia, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Sarmiento, Cristina (2010), *Culturas cruzadas em português - Redes de Poder e Relações Culturais (Portugal - Brasil, Séc. XIX e XX)*, Lisboa, Edições Almedina.
- Sant'Anna, Denise Bernuzzi de (1995), *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. Estação Liberdade.
- Sant'Anna, Denise Bernuzzi de, *Corpos de Passagem Ensaio sobre a subjectividade contemporânea*.
- Yanez-Casal, Adolfo (1996), *Para uma epistemologia do discurso e da prática antropológica*, (partic. cap III), Lisboa, Cosmos.

SITES

Centros de Investigação:

CEEA - <http://ceaa.ufp.pt/>

CIES - <http://www.cies.iscte.pt/>

CRIA - <http://www.cria.org.pt/> 14

SOCIUS - <http://pascal.iseg.utl.pt/socius/home.html>

Sites institucionais

ACIDI - <http://www.oi.acidi.gov.pt/>.

Câmara Municipal de Setúbal - <http://www.mun-setubal.pt/>

Departamento de Estudos Políticos da Universidade Nova de Lisboa - <http://intranet.fcsh.unl.pt:8080/FCSH/deps/estudos-politicos>

FCSH - <http://www.fcsh.unl.pt/>

FCT - <http://www.fct.pt/>

FMI – <http://www.imf.org/external/index.htm>

IEFP - <http://www.iefp.pt/Paginas/Home.aspx>

INE - http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main

IOM - <http://www.iom.int/jahia/jsp/index.jsp>

ISCTE - <http://www.iscte-iul.pt/home.aspx>

ISEG - <https://aquila.iseg.utl.pt/aquila/instituicao/ISEG>

SEF - <http://www.sef.pt/portal/V10/PT/asp/page.aspx>

Segurança Social - <http://www2.seg-social.pt/>.

Vários

“Estudo de Diagnóstico e Caracterização da População Imigrante, Identificação dos seus Problemas e dos seus Contributos para a Dinâmica de Desenvolvimento dos Municípios” - http://www.acidi.gov.pt/_cf/70628.

Regulamento (CE) nº862/2007 do Parlamento Europeu e do Conselho de 11 de Julho de 2007 - [http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?](http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2007:199:0023:0029.PT: PDF)

[uri=OJ:L:2007:199:0023:0029.PT: PDF](http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2007:199:0023:0029.PT: PDF).

Revista Migrações - <http://www.oi.acidi.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=1823>

Sociologia Económica das Migrações - <http://www.ms.espp.iscte-iul.pt/np4/10/52.html>

Tese de Dissertação de Mestrado de Frederica Rodrigues – <http://run.unl.pt/bitstream/10362/4818/1/Frederica%20Rodrigues.pdf>.

"Um contributo para pensar a Geografia das Migrações - "A comunidade brasileira na Região Centro de Portugal" <http://www.oi.acidi.gov.pt/modules.php?name=News&file=article&sid=2139>.

II Valor aproximado

ⁱⁱⁱ Mais uma vez, trata-se de um valor aproximado.

Iv Estima-se que ficam a faltar apenas 20 mil mulheres para igualarem o mesmo número de homens.

^v Ver fig.1

⁶ Ver página anterior.

⁷ Rosário Farmhouse é antropóloga e actual Alta Comissária para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI).

⁸ Para mais informações, consultar o site - <http://www.imf.org/external/np/sec/pr/2010/pr10215.htm>.

⁹ “Refere-se ao ano de 2011.

10 O Brasil a par da Rússia, Índia, China e África do Sul, constituem os BRICS, um acrónimo para designar os cinco grandes mercados emergentes actuais.

¹¹ As projecções efectuadas pela OCDE, assim como a metodologia e fontes utilizadas, podem ser consultadas em pormenor no item “Sources and Methods: OECD Economic Outlook”, que podem ser “descarregadas” no site oficial da OCDE na Internet.

¹² Uma nota para a débil situação económico-financeira portuguesa, agravada como se sabe, com a actual crise económica mundial surgida em 2008-2009. Um exercício que se pensa ser pertinente fazer ainda que apenas sob a forma de uma questão, é o de perceber até que ponto Portugal é ou continua a ser neste momento (2011) um país receptor de imigração brasileira? Pode-se adiantar no entanto e sem cometer qualquer imprecisão que com a actual recessão da economia portuguesa, uma descida ou até mesmo o desaparecimento dos fluxos recentes migratórios da Europa de leste para Portugal são já uma realidade, dado o curto espaço de tempo e as razões que levaram ao seu crescimento (Gois, 2006), enquanto porventura poderemos falar de uma continuidade dos fluxos tradicionais, o que neste caso a imigração brasileira estaria incluída, embora com decréscimos assinaláveis.

¹³ De acordo com o *site* oficial da União Europeia, são 27 os Estados-Membros; 5 países candidatos e 17 Outros países da Europa. Mais informações em http://europa.eu/about-eu/countries/index_pt.htm.

14 Peixoto refere que se tratam dos sectores “cleaning and caring, as well as other services” (2009:204).

15 Nestes casos, já poderemos estar a falar de “migrações forçadas”, na medida em que os movimentos populacionais observados, são efectuados sob coacção ou violência.

16 Dados obtidos na página oficial do INE no dia 13 de Fevereiro de 2012. Para mais informações consultar - <http://www.ine.pt>.

17 É evidente que estamos no campo das suposições. Para se ultrapassar este obstáculo, serão entrevistadas várias mulheres empreendedoras residentes na Quinta do Conde. A amostra será pequena, pelo que as conclusões passíveis desse nome terão como se compreenderá limitações.

^{VI} Para mais informações, consultar o Guia Prático, Prestações de Desemprego – Montante Único no site http://www2.seg-social.pt/preview_documentos.asp?r=23706&m=PDF.

^{xviii} No decorrer deste trabalho, foram efectuadas 7 entrevistas semi-estruturadas, de um total de 10 que se pretendem realizar. As que aqui serão “objecto” de análise, são 3 dessas 7.

^{xix} Centro de estética.

^{xx} Freguesia do Castelo (Sesimbra).

^{xxi} Saliente-se que este dado não pode ser dado de forma taxativa, por se apresentar com algum ruído aquando da transcrição da entrevista.

^{xxii} De acordo com os dados da entrevistada.